

A VIDA CÓSMICA ¹

À Terra Mater e por ela
sobretudo a Jesus Cristo

Numa folha separada, junta ao caderno manuscrito, encontrava-se o texto seguinte:

Nota: A Vida Cósmica descreve as aspirações e formula os actos de uma vida concreta. Se tentarmos esclarecer-lhe os pressupostos e os princípios, constatamos que ela introduz nada menos que uma certa nova orientação da ascese cristã.

De acordo com os pontos de vista «clássicos», o sofrimento é, antes de mais, uma punição, uma expiação; a sua eficácia é a de um sacrifício: nascido de um pecado, repara-o. É bom sofrermos para nos corrigirmos, nos vengermos, nos libertarmos.

Segundo as tendências e as ideias de o Vida Cósmica, pelo contrário, o sofrimento, antes de mais, é a consequência e o preço de um trabalho de desenvolvimento. A sua eficácia é a de um esforço. Mal físico e mal morais nascem do Devir: todas as coisas que evoluem têm os seus sofrimentos e cometem as suas faltas... A Cruz é o símbolo do Trabalho árduo da Evolução — mais que da Expiação.

Evidentemente, estes dois pontos de vista podem coincidir, por exemplo, se se admitir que a consequência natural da Queda foi recolocar a humanidade no seu quadro conatural de progressão e de trabalho «com o suor do seu rosto». (E, nesse caso, é curioso verificar que, do ponto de vista das aparências, a Queda não é de forma alguma marcante, pois a sanção visível confunde-se com a Evolução, coincidindo a Expiação com o Trabalho.)

No entanto, entre a ascese expiatória e a ascese subentendida na «vida cósmica», há uma notável divergência de acentuação.

...E, por lealdade, eu devia fazê-lo notar.

17 de Maio de 1916

¹ A Vida Cósmica, cuja redacção foi terminada a 24 de Abril de 1916, em Nieuport, é o primeiro dos escritos nitidamente teilhardianos que possuímos. Apresentado pelo Padre Teilhard de Chardin — dados os riscos que corria na frente — como seu «testamento de intelectual», contém em germe todo o ulterior desenvolvimento do seu pensamento. Em germe, ou seja, menos claramente compreensível, menos preciso na sua exposição, menos completamente provado (um certo número de pontos, que se esforçará por esclarecer mais tarde, são aqui apresentados apenas como dados de Revelação). A apresentação dessas ideias — tal como sucede em vários escritos aqui publicados (T. XII) — é lírica, não falha de exaltação: «Exponho, antes de mais, visões ardentes», escreveu o Padre Teilhard. É pois nos escritos posteriores que se deve procurar a forma definitiva do seu pensamento. (NdE)

INTRODUÇÃO

Existe uma comunhão com Deus,
e uma comunhão com a Terra,
e uma comunhão com Deus pela Terra.
...E Jacob lutou com o Anjo até ao amanhecer.

Escrevo estas linhas por exuberância de vida e por necessidade de viver; - para exprimir uma visão apaixonada da Terra; e para procurar uma solução para as dúvidas da minha acção; - porque amo o Universo, as suas energias, os seus segredos, as suas esperanças, e porque, simultaneamente, me dediquei a Deus, única Origem, única Saída, único Termo. Quero exaltar aqui o meu amor à matéria e à vida, e harmonizá-lo, se possível, com a adoração única da única Divindade absoluta e definitiva.

Parto deste facto inicial, fundamental, que cada um de nós, queira ou não queira, está ligado por todas as suas fibras materiais, orgânicas, psíquicas, a quanto o rodeia. Não só está preso numa rede, mas é arrastado por um rio. Em redor de nós, por toda a parte, ligações e correntes. Mil determinismos nos encadeiam, mil hereditariedades pesam sobre o nosso presente, mil afinidades nos deslocam e impelem para um fim ignorado. No meio de todas essas forças que interferem, o indivíduo não aparece senão como um centro imperceptível, um ponto de vista que vê, um centro de repulsões e de atracções que sente, que escolhe entre as inumeráveis energias irradiantes através dele, que busca e contraria, que se volta sobre si e se orienta para captar mais ou menos, e em diversos sentidos, a atmosfera activa que o banha e de que é um ponto singular e consciente... — Eis a condição exterior que nos é dada; estamos mais, por assim dizer, fora de nós, no tempo e no espaço, que em nós próprios, no momento em que vivemos: a pessoa, a mónada humana, como qualquer mónada, é essencialmente cósmica.

Muito antes que a reflexão, a ciência, a história, as necessidades sociais experimentadas, venham precisar em nós a consciência desse imenso domínio do «nós que está fora de causa» e do «nós que existe em nós apesar de nos», um secreto apelo, íntimo, dilatador do nosso egoísmo, adverte-nos de que somos, pelas nossas almas imortais, os centros inumeráveis de uma mesma esfera, identificados [idênticos] por tudo o que não é o seu incomunicável psiquismo — os elementos ligados de uma mesma curva que se prolonga à nossa frente e para trás de nós. Por uma afinidade obscura e inata, por uma necessidade imanente de palpar o estável e o absoluto, sentimos o desejo latente ou irrompendo bruscamente no nosso coração, de trocar o isolamento que nos concentra em nós próprios por uma existência mais ampla, por uma unidade de ordem superior, que nos faria participar na totalidade do que nos conduz e do que nos toca. A aspiração panteísta da fusão de todos no todo ²,

² O seguimento (cap. 2) e um considerável número de escritos posteriores (designadamente *Pan théisme et Christianisme*, 1923) precisarão o sentido, distinguindo um duplo sentido da palavra e da aspiração que ela traduz; o panteísmo que rejeita é aquele que habitualmente é designado por este termo, o que aceita é aquele que ele expõe. Em *O Elemento Universal* (*infra*, pp. 369-386), em *Le Milieu Divin* (p. 139) e outros, recusa simplesmente aceitar «o panteísmo». (NdE)

tal é a face imanente da nossa natureza cósmica, uma pondo à prova a outra, esta tão inegável às nossas vontades como aquela às nossas inteligências... mas apenas para os que olham, para os que sentem.

Fazer olhar, fazer sentir — vingar-me, por uma profissão de fé inflamada na fecundidade e no valor do Mundo, dos que sorriem e sacodem a cabeça quando lhes fala de vaga nostalgia por algo escondido em nós que nos ultrapassa e completa, triunfar desses homens, ainda, mostrando-lhes até à saciedade que a sua individualidade suficiente mais não é que uma ninharía no seio das energias que eles pretendem ignorar, e de que troçam se lhes falamos em lhes erguer um templo: eis o meu primeiro objectivo. É necessário, se quiser igualar-se a si próprio, que o homem desperte para a consciência dos seus infinitos prolongamentos, para os seus deveres, o seu inebriamento. É necessário que (rejeitando todas as ilusões de um individualismo estreito) alargue o seu coração à medida do Universo, ainda que, tomado de vertigem perante a sua nova grandeza, tivesse de se crer na posse do divino, ele próprio Deus, ou artífice da Divindade.

Não pretendo dedicar-me directamente nem à ciência, nem à filosofia, menos ainda à apologética. Exponho, antes de mais, as minhas visões ardentes. Quase sem condenação portanto, verei, para começar, a crise, companheira de todo o despertar, corroer o pensamento e as paixões humanas. Primeiro como simples observador, verei nascer e desenvolver-se, no segredo das almas ou no tumulto das multidões, a tentação cósmica, inclinarem-se os rostos em redor do bezerro de ouro e subir o incenso para a montanha do orgulho humano. Quase sem provas, também, mas forte nas suas simples harmonias com o Resto e suas simples correspondências, deixarei erguer-se, em oposição aparente aos sonhos da Terra, que vem completar e corrigir, o inefável Cosmos da Matéria e da Vida nova, o Corpo de Cristo, real e místico, unidade e miríade, mónada e plêiade. E, como aquele a quem embalam melodias sucessivas e diversas, deixarei, em múltiplos sentidos, para o éter inicial, para o super-homem, até ao Homem-Deus, cantar e gritar a minha vida... em baixo, no alto, mais além...

Mas não é permitido ao homem animado de verdade e realidade deixar-se arrebatado indefinidamente com incoerência por qualquer vento que lhe enfole e amplifique a alma. Ainda que o quisesse, não o poderia... Pela lógica profunda dos objectos e das atitudes, cedo ou tarde chega o momento em que temos de estabelecer unidade e organização no fundo de nós mesmos — experimentar, seleccionar, hierarquizar os nossos amores e os nossos cultos —, quebrar os nossos ídolos e não deixar mais que um único altar no santuário. Ora, para ninguém tanto como para o cristão, ou seja para aquele que se ajoelha diante de uma cruz e a quem uma voz adorada repete «Deixa tudo para tudo possuíres», se apresenta a escolha mais carregada de hesitações e de angústias. Pois, para ser cristão, será necessário renunciar a ser humano, humano no sentido amplo e profundo da palavra, humano áspera e apaixonadamente? Será necessário, para seguir Jesus e participar do seu corpo celeste, renunciar à esperança que palpamos e ao pouco de absoluto que preparamos cada vez que, pelo esforço do nosso trabalho, um pouco mais de determinismo é dominado, um pouco mais de verdade adquirida, um pouco mais de progresso realizado? Será necessário, para nos unirmos a Cristo,

desinteressarmo-nos da marcha própria deste Cosmos inebriante e cruel que nos contém e que se ilumina em cada uma das nossas consciências? E uma tal operação não encerra o risco de fazer, dos que a tentassem em si próprios, mutilados, frouxos, debilitados? Eis o problema vital, no qual inevitavelmente se entrechocam, num coração cristão, a fé divina que sustenta as suas esperanças individuais e a paixão terrestre que é a seiva de todo o esforço humano.

A minha mais preciosa convicção é que um qualquer desinteresse do que faz o encanto e o interesse mais nobres da nossa vida natural não é a base das nossas realizações sobrenaturais. O cristão, se compreende bem a obra inefável que se processa em seu redor e através dele em toda a natureza, deve aperceber-se de que os arrebatamentos e entusiasmos suscitados em si pelo «despertar cósmico», podem por si ser guardados, não apenas na sua forma transposta para um Ideal divino, mas também na essência dos objectos mais materiais e mais terrestres: para tanto lhe basta compenetrar-se do valor beatificante e das esperanças eternas da santa Evolução...

E eis a palavra que, acima de tudo, desejo fazer ouvir: a da reconciliação de Deus e do Mundo [pois é ela que reconcilia Deus e o Mundo]. Estas páginas a que quis transmitir, com o melhor da minha observação das coisas, a solução leal pela qual se equilibrou e unificou a minha vida interior, estendo-as àqueles que duvidam de Jesus pela suspeita de este desejar desflorar, a seus olhos, o rosto irrevogavelmente amado da terra, àqueles também que, para amarem Jesus, se constroem a ignorar aquilo de que a própria alma transborda, finalmente àqueles que, não conseguindo fazer coincidir o Deus da sua fé com o Deus dos seus trabalhos mais nobilitantes, se fatigam e se impacientam com a sua vida dividida em esforços oblíquos.

24 de Março de 1916, Nieuport.

CAPÍTULO I

O DESPERTAR CÓSMICO

A. A VISÃO

1 — *A Multitude.* — A visão fundamental é a da pluralidade e da multitude, da multitude que nos envolve e da multitude que nos constitui, da que se agita em torno de nós e da que em nós se abriga.

Há muito, desde sempre, que o espectáculo de todas as poeiras — estrelas no céu, grãos de areia na duna, indivíduos na multidão —, aliando-se à necessidade que se impõe ao nosso espírito quando ele procura definir contínuos, de os decompor em pontos (à sua imagem), fazia pressentir aos

homens a constituição atômica do Universo. Mas não foi senão a pouco e pouco, e graças às pesquisas cada vez mais subtis da Ciência moderna, que essa hipótese da inteligência se transformou, numa larga zona do Mundo, abaixo e acima de nós, numa concreta e, frequentemente, directa intuição dos sentidos.

Hoje parece que, se as nossas percepções permanecem irrevogavelmente cingidas a certos limites de grandeza e pequenez, podemos pelo menos orgulhar-nos de termos descoberto e estabelecido experimentalmente a *lei da recorrência*, segundo a qual é *construído o Cosmos*. A análise da matéria leva a considerá-la como uma agregação inumerável de centros, capturando-se e dominando-se, de forma a edificarem, pelas suas combinações, centros de ordem superior e sucessivamente mais complicados.

No mundo dito «da Matéria», o cristal ou o grumo coloidal desmembram-se em moléculas, as suas moléculas em átomos, esses átomos em electrões, os electrões em qualquer éter granuloso..., no entanto, progredindo numa nova ordem de grandezas, os planetas representam os electrões do sistema solar, ele próprio átomo de qualquer construção gigantesca cujo esboço nos escapa: os dois infinitos de Pascal realizados.

E no mundo da Vida por seu turno, a Sociedade e o pólipo subdividem-se em indivíduos, o indivíduo em segmentos, os segmentos em células, as células em granulações mal definidas, onde as leis do movimento e da simetria atômicas se misturam e confundem com a diferenciação e a espontaneidade orgânicas.

Aos olhos do sábio que observa, a continuidade aparente dos seres materiais, ou o seu desmembramento em fragmentos artificiais e acidentais, dão lugar ao bulício inumerável de mónadas naturalmente distintas. E essas mónadas não são no entanto cissuras na veste inconsútil do Universo, pois, no seu repouso e na sua acção, na sua textura e na sua evolução, pelos laços que as unem ou as hierarquizam, e pelas correntes que as arrastam, permanecem — é esse o mistério do Cosmos e o segredo da Matéria — uma mesma coisa.

2. *A Unidade no Éter*. — O primeiro aspecto desta unicidade profunda de todos os elementos do Universo é a sua «radicação» comum na entidade misteriosa, cósmica por excelência, a que se chama o *Éter*³.

Inexoravelmente, e apesar das propriedades estranhas que o tornam tão real, fisicamente, como um bloco de pedra, e ao mesmo tempo tão inatingível

³ O «Éter» representa um estado da ciência hoje ultrapassado. Sabe-se que, desde a célebre experiência de Michelson e teorias de Einstein, a ciência renunciou ao Éter, que desempenhara um importante papel no séc. XIX e no início do XX. Mas tal facto é de importância secundária no que respeita as concepções cósmicas (aqui, a unidade do Cosmos) desenvolvidas pelo Padre Teilhard.

como um limite abstracto, o Éter impõe-se à Física. É o *meio* exigido para transmitir ou mesmo talvez, para dispensar as energias «transientes»⁴, para suportar, ou mesmo para estabelecer os laços que atraem ou repelem as partículas em que o Mundo se decompõe. E é também o *termo último em que* se resolvem as partículas cósmicas, quer se considerem como turbilhões nascidos de uma fluidez homogénea primitiva, quer distingamos apenas neles os inumeráveis centros em torno dos quais irradia e se franze uma mesma substância fundamental. E num e noutro caso, como matéria primordial das coisas, ou na qualidade de meio activo universal (...) introduz-se na nossa visão do Mundo, devido mesmo à sua natureza de suporte último das substâncias e das actividades, como uma realidade que *não admite*, na sua uniforme plenitude, *nem lacuna, nem fissura*: pois uma e outra *se abiriam sobre o nada*: o Éter é semelhante a uma grande reserva de um fluido que poderia torcer-se e retorcer-se sem que jamais a menor fenda, a menor ruptura viesse isolar da massa total as singularidades locais, engendradas pelas torções, por mais complicadas ou independentes que se suponham. E é simultaneamente um fluido tal que não podemos experimentá-lo, onde se não distingue nenhuma parte constitutiva natural, nada que se assemelhe a um átomo ou a uma molécula. A continuidade do Éter não pode ser quebrada pela força nem decomposta pela análise: não devemos compará-la à textura de um líquido onde se comprime a multidão sem número de mil variedades de partículas, mas à condição inimaginável de *algum centro infinitamente distendido no espaço, o mesmo em toda a parte e em toda a parte diferente de si próprio*.

Ora é do Éter, ou no Éter, que tudo procede, no Universo...

Qualquer que seja pois o elemento em que me detenha, ao acaso, na multitude fervilhante, se o confrontar com outro, tomado igualmente ao acaso, devo dizer que, num bem como no outro, completada sem dúvida por uma imanência individual e incomunicável, mas não destruída por esta, uma identidade real e íntima se oculta, identidade no Éter cujo centro único em toda a parte espalhado é a matéria primeira, indivisível embora imensa, de quanto cresce no vasto Cosmos. Como nós disseminados ao longo de um fio, como pregas formadas num mesmo tecido, como turbilhões nascidos numa mesma superfície, tudo o que se agita e vive no Universo representa, por um lado, as modificações de uma mesma coisa, que cada mónada, por introspecção, pode descobrir como o ponto inicial em que tudo se toca, no mais íntimo de si.

Essa *consanguinidade* das mónadas no Éter, sua origem e seiva comum,

⁴ Cf. *A União Criadora*, 5, «Transiência. A Verdadeira Matéria», onde se retracta.

poderia talvez servir para dissipar, no que respeita o pensamento filosófico, a perturbadora ilusão da transiência: a interação dos seres materiais dá-se a favor e ao nível de uma identidade. É, em todo o caso, a razão física pela qual os seres materiais, qualquer que seja o grau de complicação a que se elevaram, continuam a influenciar-se mutuamente, na medida da sua perfeição específica. — Mais ou menos rico de organismo, ou iluminado de consciência, ou dominado de liberdade, é sempre, em última análise, o Éter que atrai ou se repele no fundo dos seres materiais — que se opõe a si próprio de coisa para coisa, que cresce com elas, como adiante diremos, para algum fim ignorado. É ele que assegura a uniformidade e a coincidência dos determinismos, ele que garante a influência recíproca das almas. A unidade original das mónadas prossegue-se necessariamente por uma unidade de comportamentos, de afinidades, de crescimento. Liga-se definitivamente na unidade do devir total da Matéria.

Visto que as mónadas do nosso Universo não são simplesmente centros aparecidos numa grande massa homogénea. Como sucede com os turbilhões num rio, o seu nascimento é acompanhado dum movimento mais vasto que, não só as *arrasta* para além de si próprias, mas é ainda, de certo modo, o *própria causa do seu aparecimento*. Qual é a figura precisa do movimento total que arrasta no espaço, ou transforma na sua constituição íntima, o mundo da Matéria? A Matéria será, antes de mais, como o insinuam a degradação da Energia e o desvanecimento dos átomos, «a coisa que se desfaz e recai»? As translações que deslocam o sistema astral far-se-ão segundo trajectórias que em lugar algum se encontram, ou serão elas a percepção, num pequeníssimo elemento, de um turbilhão gigantesco, recomeçando, em desmedidas dimensões, o trabalho indefinido de enrolamento do Éter sobre si próprio?... Uma única coisa nos interessa aqui: é que além de uma identidade original dos centros e de uma rede de ligações estáticas (ou pelo menos permanentes) estendida entre eles, existem indubitavelmente para a multitude atómica ou astral grandes correntes de conjunto, pelas quais é infundida, no corpo comum de tudo o que tem por base o Éter, *a alma comum de uma Evolução*.

E essa etapa conduz-nos aos confins da Vida.

3. *A Unidade pela Vida*. — Nada há de mais isolado, aparentemente, nada de mais exclusivo de toda a existência extra-individual, que a mónada viva.

Imateriais ou espirituais, as almas são o protótipo do completo, do enovelado sobre si próprio, do autónomo; para a nossa experiência e para o nosso pensamento, constituem *microcosmos*. Em parte alguma, no entanto, como nelas, graças à extrema sensibilidade das suas reacções e à penetração íntima da sua introspecção, as influências, as funções, a unidade cósmicas, são

mais fáceis de descobrir e também mais impressionantes e frutuosas.

Na origem das servidões que submetem as almas entre si e ao resto das coisas, encontra-se o inevitável Éter. — Embora seja impossível, no estado actual dos nossos conhecimentos, precisar exactamente que relações fazem depender uma da outra, essas duas grandes realidades provisoriamente (?) distintas, a Vida liga-se decerto à matéria e tem necessidade dela. A Vida apareceu e desenvolve-se em função de todo o Universo; participa pois por algo de si mesma na sua unidade de substância original, e é implicada, de certa maneira secreta, no movimento de conjunto, de base material, que é o devir total do Cosmos. Também nas suas manifestações e sobretudo nas suas formas inferiores, escassamente se diferencia das construções inanimadas que as forças chamadas físico-químicas realizam. Pela sua forma exterior, pelos seus movimentos intestinos, pelos seus poderes de fermentação, pela sua capacidade de entrar em agregações de ordem superior, o ser monocelular comporta-se, em muitos aspectos, como uma molécula. A Vida aparece em continuidade fenomenal com a rede dos determinismos e das construções materiais. Tal como a separação dos centros atômicos, a individualização das mónadas organizadas e *conscientes não rasga, ao dobrá-lo, o tecido fundamental do Cosmos*. Pela sua matéria comum, já todos os seres vivos constituem uma unidade.

Ora, é sobretudo pela sua vida, que são soldados entre si.

A Vida, conforme acabámos de dizer, prolonga de certa forma a matéria: dela guarda, com os seus elementos, certos hábitos; pode mesmo, como veremos, copiá-la e imitá-la mecanizando-se. Mas ela distingue-se mais ainda pelo modo de involução particular segundo o qual nascem, sob sua influência, as mónadas, também pelo sentido geral da corrente de perfeição crescente, ao longo da qual as conduz. Através e a favor da Matéria que se desfaz, a Vida ascende, completando o trabalho de organização externa que realiza através dos indivíduos, por um paralelo revestimento interno especial por onde aparece, no seio da Matéria, uma face cada vez mais consciente. Ora, nada unifica centros como essa génese comum que os associa na sua estrutura e no seu destino. Tornemos antes a ler nas suas folhas de pedra a história da transformação dos organismos vivos...

A quem as souber voltar paciente, longa, religiosamente, essas páginas evocam uma grande e luminosa imagem, que os videntes mais devotos não souberam exprimir, na sua impotência, senão em termos deslumbrados e vagos de raios dardejantes, de aurora, de jorros, mas na qual são unânimes em reconhecer *uma continuidade*. Observado de uma perspectiva profunda de tempo, o formigueiro confuso dos seres vivos ordena-se subitamente, aos olhos argutos, em longas filas que caminham por diversos carreiros, para uma

maior consciência. Vistos a bastante distância e sob uma certa luz os indivíduos, princípios, na aparência, de egoísmo e de estabilidade, não mais aparecem senão como locais de passagem de um movimento e têm como função essencial fazê-lo progredir um pouco mais; e a própria pluralidade das tentativas feitas para vergar a Matéria à espontaneidade, para a organizar em centros receptores das energias cósmicas, funde-se na unidade de uma mesma direcção geral (de uma mesma vertente escalada), a que conduz a liberdade e à luz.

Nessa corrida para o dia, muitas existências particulares abortam, ou são pisadas, sacrificadas; muitas más direcções não conduzem senão a organismos sem futuro, que o luxo dos mecanismos secundários abafa, ou que a massa paralisa: grupos inteiros são assim eliminados ou não subsistem senão para fornecerem um ponto de apoio aos esforços que rodeiam. Que importam esses malogros secundários! O trabalho e o sucesso de conjunto tudo sobrelevam. Através e para além dos malogros parciais, o esforço ascensional mantém-se, a seiva misteriosa e única penetra e encontra o seu caminho no meio da confusão inimaginável das actividades mecânicas e organizadas. Ela ascende, infalivelmente, para qualquer sistema nervoso mais bem constituído, para o cérebro sobretudo, onde poderá reflectir, pontualmente, sem aberração, o pensamento. Bergson exprimiu isto melhor que ninguém, talvez. Mas todos os íntimos da vida sentiram, como ele e bem antes dele, palpitar na sua alma esta confidência.

Oh, *a revelação da Alma única*, após a da *Matéria única*! A visão da Natureza, após a do laboratório; a Vida, após o Éter! Que cegos e «desumanos» são aqueles que, observando o Universo, pretendem ignorá-las — ou então que, seguros de que as veem, não estremecem com o choque de uma enorme superabundância que completamente os invade! Pois é demasiado pouco ouvir falar a ciência, ver desenharem-se, de fora, nos seus turbilhões individuais ou nos seus movimentos de conjunto, as correntes cósmicas. Essas correntes constituem-nos, passam através de nós; é preciso poder senti-las!

B. A SENSACÃO

...E fiz refluir a minha consciência até à periferia extrema do meu corpo para experimentar se me prolongaria para fora de mim. Desci ao mais abscondido do meu ser, de lanterna em punho e ouvido à escuta, para saber se, no extremo fundo do negrume que há em mim, não veria luzir as águas da

corrente que passa, [se] não ouviria sussurrar as suas águas misteriosas que vêm das profundezas e vão jorrar — quem sabe aonde? E verifiquei, cheio de terror e inebriamento, que a minha mesquinha existência fazia parte da imensidade de tudo o que existe e de tudo o que devém⁵.

Sinto-o: a matéria, que pensava mais minha, ultrapassa-me e escapa-se-me. Radiações inumeráveis me atravessam em todos os sentidos, e não sou, de certo modo, mais que o ponto dos seus encontros e interferências. Toda a espécie de influências obscuras me envolve, me penetra — emana de mim, igualmente —, trazendo o eco e o reflexo de tudo o que vibra e se move no Éter imenso. E todos esses choques, todas essas penetrações do Resto em mim, não são *intrusões injustas* que tenho o direito, se não a possibilidade, de rejeitar. Em mim, estão no seu lugar, pois me constituem.

Sinto-o, ainda — e desta vez muito mais distintamente —, uma multitude de independências e de espontaneidades, átomos, moléculas, células..., agitam-se sob a unidade do meu organismo. A sua turba hierarquizada serve-me fielmente — em tempo normal e no conjunto. Mas cada uma delas mantém as suas afinidades com esferas materiais que não são a minha e essas cumplidades, um dia, traduzem-se fatalmente por processos de desorganização cujo termo é o «regresso ao pó».

A resultante das suas actividades, sem dúvida, tais como as disciplina e completa a minha alma, é uma força vital — capacidade de sentir e evoluir —, que posso reivindicar como especificamente minha. Mas essa própria força, bem minha porque só eu a centralizo e a experimento, escapa-se-me por todo o seu passado e o seu futuro. Por trás da unidade de que se reveste na minha consciência, esconde-se a multidão comprimida de todos os seres sucessivos cujo labor infinitamente paciente e prolongado conduziu à sua perfeição actual, o *phylum* de que sou momentaneamente o rebento extremo. A minha vida não me pertence: reconheço-o no inexorável determinismo do crescimento das paixões, da dor, da morte; sinto-o, não apenas nos meus membros carnis, mas no cerne do meu ser mais espiritual.

Sou livre, evidentemente. Mas que representa a minha liberdade senão um ponto imperceptível no seio de uma massa, não determinada, de leis e de ligações que não vergo, em suma, mas que utilizo artificialmente, torneando-as, aproveitando-lhes o vento, parecendo abrandá-las e domá-las

⁵ Ver o retomar deste tema em *Le Milieu divin* (v. 4 das *Oeuvres*), pp. 74-75.

— quando mais não faço que opô-las entre si? No fundo de si mesmo, cada um de nós pode distinguir todo um sistema de tendências profundas, uma lei de evolução particular que nada suprime e que persiste sob todos os aperfeiçoamentos. Essa força íntima, anterior e superior ao livre arbítrio, inscreve-se no nosso carácter, no ritmo dos nossos pensamentos, nos surtos brutais das nossas paixões, é a herança da Vida, é o *traço consciente* em nós da *vasta corrente vital*, um filete da qual nos constitui, é a sujeição à grande tarefa de eclosão de que não somos mais que obreiros, durante uma hora.

Desçamos em nós, repito-o, e ficaremos assombrados de aí encontrarmos, *sob o homem das relações e da reflexão superficiais*, um desconhecido, parcamente imergido do inconsciente, semientorpecido ainda, por falta de excitante apropriado — cujos traços, na penumbra, parecem atingir a figura do Mundo.

Não, nenhuma brutalidade de embate, nenhum toque de carícia são comparáveis à veemência e ao envolvimento desse contacto do nosso indivíduo com o Universo, quando, *sob a banalidade das nossas experiências mais familiares*, notamos subitamente, tomados de um sagrado horror, que *o grande Cosmos aflora em nós*.

C. O APELO

Essa visão, ninguém, que a tenha visto uma vez, poderá esquecê-la; mas, tal como o marinheiro tocado pelo inebriamento azulino dos mares do Sul, permanece para sempre — sábio, filósofo, humilde trabalhador, qualquer que seja aquele que o raio aflorou —, perante a sua nostalgia do maior, do mais forte, do mais durável, do Absoluto de que por um instante sentiu a presença e a acção à sua volta. O relâmpago que lhe iluminou o olhar continua como uma luz fixa no fundo dos seus olhos; e palpita sempre com a sensação do contacto universal. Os outros poderão sorrir das suas vãs ansiedades, das suas preocupações bizarras no sentido de alargar a consciência humana para além dos limites convencionais da vida prática. O vidente seguirá o seu caminho, sabendo que muitos compreenderão a sua linguagem, e que o esperam — dolorosos e diminuídos porque aspirações secretas gritam dentro deles e não as podem formular. *A palavra libertadora*, ei-la: não basta ao homem, rejeitando o seu egoísmo, *viver socialmente*. *Necessita de viver* com um coração total, em união com o conjunto do Mundo onde se encontra — *cosmicamente*. Mais íntima que a alma dos indivíduos, mais vasta que o grupo dos humanos, há uma seiva ou um espírito das coisas, há um absoluto que nos atrai e que se esconde. E para ver a sua figura, para responder ao seu apelo e

Ihe compreender o sentido, para aprender a viver mais, é-nos necessário, na vasta corrente das coisas, *mergulhar* e ver onde a sua ondulação nos conduz.

CAPÍTULO II

A COMUNHÃO COM A TERRA

A. A TENTAÇÃO DA MATÉRIA

O primeiro impulso do homem que, tendo-se aberto à consciência do Cosmos, esboçou o gesto de nele se lançar, é de *se deixar embalar* como uma criança pela grande Mãe nos braços da qual acaba de despertar. Nessa atitude de abandono — simples emoção estética nuns, regra de vida prática, sistema de pensamento ou mesmo religião noutros —, reside a raiz comum de todos os panteísmos pagãos.

A revelação essencial do paganismo é que tudo, no Universo, é uniformemente verdadeiro e precioso, de tal forma que a fusão do indivíduo deve fazer-se com o todo *sem distinção e sem correcção*. Tudo o que age, se move ou respira, toda a energia física, astral, animada, toda a parcela de Força, toda a centelha de Vida, é igualmente sagrada; pois no mais humilde dos átomos e na mais brilhante das estrelas, no mais vil dos insectos e na mais bela das inteligências, o mesmo *Absoluto* sorri e palpita. Absoluto exclusivamente ao qual importa aderir por um dom directo e profundo que penetra e rejeita como aparências as mais substanciais determinações do real. É a visão oriental do Lótus azul, visão apaixonada porque cada beleza palpável, graças a ela, se encontra divinizada, mas visão pesada da Matéria cujo fundo obscuro, por ela agitado, tende a elevar-se para invadir e absorver toda a espiritualidade.

Tal é, com efeito, a singularidade das concepções panteístas e pagãs; a equivalência fundamental por elas introduzida entre tudo o que existe, se produz, em detrimento da vida consciente e pessoal, a favor dos modos de ser incoativos e difusos das mónadas inferiores. Pareceria, em princípio, que *tudo se anima*, ao olhar do pensador naturalista ou do hindu; *tudo, na realidade, se materializa*. O termo luminoso das existências, o paraíso sonhado das almas, *confundem-se com a sua origem obscura*, com o reservatório fundamental de Éter homogéneo e de vida latente onde todas as coisas devem encontrar a sua beatitude até voltar a perder-se, após deles terem saído. *A vida compreende-se e experimenta-se, em função da matéria.*

... Um dia, perante as mornas extensões do deserto, cujos planaltos escalonavam os seus degraus violeta, a perder de vista, para horizontes selvaticamente exóticos; perante o mar insondável e vazio cujas ondas, sem cessar, se moviam no seu inumerável sorriso; no acolhimento de uma floresta cuja sombra carregada de vida parecia querer dissolver-me nas suas pregas profundas e quentes, um grande desejo se apoderou de mim, talvez ⁶, o de ir procurar, longe dos homens, longe do esforço, a região das imensidades que embalam e invadem, aquela onde a minha actividade demasiado constrangida se libertaria, cada vez mais, indefinidamente... E toda a minha sensibilidade então se aguçou, como se se aproximasse de um deus da felicidade fácil e do inebriamento, pois ali estava a Matéria a chamar-me. A mim, por minha vez, como a todos os filhos do homem, repetia a palavra que ouve cada geração: solicitava-me para que, entregando-me a ela sem reservas, a adorasse.

E por que não a adoraria de facto, a ela, a Estável, a Grande, a Rica, a Mãe, a Divina? Não é ela eterna e imensa à sua maneira, aquela cuja ausência a nossa imaginação se recusa a conceber, tanto na longura extrema do espaço como no recuo indefinido dos séculos? Não é ela substância única e universal, a fluidez etérea que todas as coisas partilham entre si, sem a diminuir, nem a quebrar? Não é ela geradora absolutamente fecunda, a *Terra Mater*, que traz em si as sementes de toda a vida e o alimento de toda a alegria? Não é ela, simultaneamente, a origem comum dos Seres, e, único Termo que podemos sonhar, a Essência primitiva e indestrutível de que tudo emana e à qual tudo regressa, ela, ponto de partida de todo o crescimento e limite de toda a desagregação? Esses diversos atributos que a filosofia espiritualista projecta para fora do Universo, não será no pólo oposto, nas profundezas do Mundo, que se realizam e devem ser atingidos, na Matéria divina?

Assim, embalados pela voz que encantou mais de um sábio, falavam o meu coração seduzido e a razão, sua cúmplice. Era a hora pagã, na qual, das regiões inferiores do Universo, se eleva o canto das Sereias...

Ora pois, no arrebatamento das primeiras alegrias e do primeiro encontro, é possível que eu tenha crido nas cintilações, nos perfumes, nos espaços livres, nos abismos, e que me tenha confiado à Matéria. Quis ver se, em conformidade com as vastas esperanças suscitadas no meu coração pelo «despertar cósmico», podia, entregando-me a ela, atingir o âmago das Coisas, encontrar a alma do Mundo, à força de me perder nos seus abraços. Essa experiência, tentei-a ardentemente, sem desconfiança, incapaz de supor que o verdadeiro podia não coincidir com o encanto dos sentidos e o entorpecimento

⁶ Notar essa reserva: «talvez», como mais adiante: «é possível», por meio da qual o Padre Teilhard mostra que o aspecto pessoal desta análise não é simples confidência, mas em parte apresentação literária — como à frente sucederá diversas vezes.

da dor. E eis que à medida que me deixava conduzir, cada vez mais, para o centro, cada vez mais afastado e distendido da Consciência inicial, me apercebi de que a luz da vida se obscurecia em mim.

Senti-me, em primeiro lugar, menos sociável, pois a Matéria é invejosa, e não quer testemunhas do adepto dos seus mistérios. O panteísmo sofre com o encontro com os outros homens, ou evita ver mais que a sua actuação colectiva, semelhante às agitações dum sistema privado de liberdade. As *peessoas* (salvo quando o amor intervém) *excluem-se pelo seu centro*, e o panteísta aspira a identificar-se, adequadamente, com tudo o que rodeia. Isola-se portanto; embriaga-se com o seu isolamento. E perante esse sintoma comecei a suspeitar de que enfraquecia. No entanto a solidão tem virtudes vivificantes; talvez, apesar da lição dos séculos, não me enganasse no caminho, deixando a minha rota desviar-se da humanidade entristecedora, nebulosa, banal? Docilmente, portanto, abri o meu coração à sede de estar só e, para viver mais à vontade, encaminhei os meus passos para o deserto.

Ora, seguindo a lógica inelutável que encadeia as fases da nossa acção, verificou-se que menos sociabilidade, em mim, preparava menos personalidade. Quem suporta o seu próximo a custo, não estará já cansado de si próprio? Surpreendi-me pois procurando diminuir o trabalho que todo o ser vivo deve fornecer para permanecer ele próprio; estava satisfeito por ver diminuírem as minhas responsabilidades: sentia crescer em mim, em extremo, o culto das passividades. Visto que para nós a grande Natureza se industrializa; visto que ela própria se encarrega de prever, de dirigir, de escolher, temos de nos abandonar à sua direcção; para nós e para ela qualquer ingerência da nossa parte seria uma perturbação inútil. — E foi assim que, de repente, a voz enfeitiçante que me atraía, longe das cidades, nos espaços mudos e virgens, se traiu. Um dia compreendi o sentido das palavras que ela me dizia e que faziam estremecer as profundidades mal conhecidas do meu ser, na esperança de um grande repouso beatificador; compreendi que me murmurava: «Menor esforço.»

E já, no sopé da vertente pela qual me conduzia o peso, tão doce, da Matéria, eu via pastar os porcos de Epicuro...

E foi então que a fé na Vida me salvou.

A Vida! A quem nos dirigiríamos pois em certas horas de inquietação extrema, senão ao último critério, à suprema decisão do seu sucesso e das suas vias? Quando toda a certeza vacila, toda a palavra balbucia, todo o princípio se torna suspeito, a que última crença prender a nossa existência interior à deriva, senão a essa: que há um sentido absoluto de crescimento em relação ao qual o nosso dever e a nossa beatitude consistem em nos conformar — e que *a Vida caminha nesse sentido*, pelo caminho mais directo? Sim, porque observei tão

longamente a Natureza e tanto amei a sua face que li sem ambiguidade no seu coração, é para mim uma convicção profunda e querida, infinitamente doce e tenaz, a mais humilde mas mais fundamental em todo o edifício das minhas certezas: *A Vida não engana*, nem no caminho, nem no Termo. Sem dúvida, ela não nos define intelectualmente qualquer Deus, qualquer dogma; mas mostramos que caminho seguirão todos aqueles que não são nem mentiras nem ídolos; indica-nos para que região do horizonte devemos singrar para vermos erguer-se e dilatar-se a luz. Creio-o devido a toda a minha experiência e toda a minha sede da maior felicidade: existe um mais- -ser, um melhor-ser *absoluto* que se chamam progresso na consciência, na liberdade, na moralidade; e esses graus superiores de existência transpõem-se pela concentração, a depuração, o maior esforço. Portanto, enganava-me miseravelmente há pouco, encaminhava-me precisamente por um caminho errado, quando, cedendo à tentação da Matéria, eu relaxava a tensão íntima do meu ser e procurava estender-me sem limite e sem discernimento pelo Universo. Para crescer na verdade, é preciso caminhar de costas voltadas para a Matéria, e não trabalhar para com ela nos fundirmos.

Na comoção primeira da minha imersão no seio do Universo, deixava-me arrastar, sem resistência, para o prazer preguiçoso e o Nirvana... Como o mergulhador que recobrou consciência e que domina a sua inércia, devo a partir de agora, por um vigoroso esforço, inverter a minha marcha e subir até zonas superiores. O verdadeiro apelo do Cosmos é um convite para participar conscientemente no grande trabalho que nele se realiza: não é descendo à corrente das coisas que nos uniremos à sua alma única, mas lutando, com elas, por um Termo futuro.

B. EM DIRECÇÃO AO SUPER-HOMEM

Primeira etapa

O domínio do Universo. — Renunciar a deixar-se balançar e dissociar voluptuosamente pelos determinismos do Universo, não significa que se cesse, em todos os aspectos, de confiar na matéria, ou de crer que estreitando-a se abraça a entidade cósmica por excelência. Para o homem que resolveu fazer consistir a felicidade e o interesse da sua vida na cooperação no labor essencial empreendido no Universo para a criação de algum absoluto, ela pode permanecer, e permanece até final, no primeiro plano das aspirações e das esperanças.

Mas então, a sua fisionomia é bem diferente da que lhe conferia a filosofia da menor consciência e do menor esforço. A Matéria já não surge como a divindade enfeitigante e lasciva, nos braços da qual a actividade humana se

não sente possuída senão por um sonho: fechar os olhos, deixar-se levar. Eis que o seu aspecto se viriliza e endurece, enquanto que sobre a fronte lhe aparece o sinal da Esfinge. A sua beleza é sempre cativante, o seu seio sempre fecundo: mas nela a Amante dominadora e sedutora deu lugar ao Enigma inquietante, à Força provocadora. A Matéria é agora a noiva misteriosa que se ganha em árdua luta, como uma presa... E para a ter, não é já para o silêncio entorpecido e para extensão selvagem que temos de nos dirigir, mas para os laboratórios ardentes da Natureza ou do artifício humano.

Debruçado sobre cadinhos ou sobre o microscópio, o homem despertado para o esforço apercebe-se, à luz intensa, do significado e do valor possíveis da parcela de inteligência e de actividade de que beneficia; o seu papel é consumir a evolução cósmica fazendo fermentar, até à realização das suas últimas promessas, as energias inesgotáveis no seio das quais nasce. Quem poderia dizer o número dos germes que dormitam, a riqueza das potencialidades que se abrigam na matéria? O objecto mais amortecido e mais inerte, se se tratar com o excitante apropriado, se se lhe apresentar a espécie de complemento e de contacto que ele requer e por que espera, é susceptível de explodir em efeitos irresistíveis ou de se transformar em natureza prodigiosamente activa.

Já, pelo efeito dos encontros naturais ou de um trabalho instintivo e latente uma parte das aptidões cósmicas se realizou, produzindo o mundo que conhecemos, com as suas substâncias particulares e os seus cambiantes de vida. Mas quantas outras virtudes permanecem por descobrir, por aperfeiçoar para transformarem o actual estado das coisas? Durante demasiado tempo, para se curar e crescer, a humanidade limitou-se ao empirismo dócil e à resignação paciente... Chegou o momento de subjugar a Natureza, de a levar a falar, de a dominar, de inaugurar uma nova fase, no decurso da qual a inteligência, nascida do Universo, se voltará para ele para o corrigir, o renovar, para o fazer dar, até ao fim, aquilo que ele pode fornecer, à sua fracção consciente, de acréscimo na alegria e na actividade.

Qual o termo prometido a tantos esforços? Confusamente ainda mas forte das descobertas que lhe permitiram multiplicar o seu poder, metamorfosear os corpos, vencer metodicamente as doenças, o sábio entrevê uma nova era de sofrimentos eficazmente suavizados, de bem-estar assegurado e, quem sabe? de rejuvenescimento talvez, ou mesmo de desenvolvimento artificial dos órgãos. É perigoso provocar a Ciência, e marcar um limite aos seus sucessos: pois as secretas energias que ela evoca das trevas, são insondáveis. Por que não chegaremos a cultivar o próprio cérebro, a intensificar a vontade de poder

e a acuidade do pensamento? ⁷

Sustido pela esperança imensa de se engrandecer indefinidamente, de se beatificar a si próprio, tomando como ponto de apoio a Matéria, o homem, com renovado fervor, dedica-se ao estudo apaixonado dos poderes do Universo e absorve-se na procura do grande Segredo; a sua tarefa austera é envolvida no reflexo místico com que foi iluminado o rosto preocupado dos alquimistas, aureolada a frente dos magos, divinizado o gesto de Prometeu; e, perante cada nova propriedade que se manifesta aos seus olhos — novo dia aberto sobre a Terra prometida —, o sábio quase se ajoelha, como se recebesse a revelação de um atributo divino...

Segunda etapa

A segregação da humanidade. — No esforço e pelo próprio esforço que desenvolve para dominar e explorar a Matéria, o homem afirma a sua transcendência relativa, a sua superioridade sobre o resto das Coisas. Liberta-se da multidão confusa das mónadas; aprende a interessar-se por si próprio, a olhar-se melhor, a referir ao seu ser e aos seus progressos o amor e o interesse que tinha deixado espalhar-se demasiado uniformemente pelo conjunto do Universo. E assim, após ter reconhecido, nas suas tentativas para viver cosmicamente, um primeiro erro: o exagero no culto das passividades, indo até à obediência ao menor esforço, entrevê uma nova correcção a impor à sua atitude panteística inicial. A maneira autêntica de se unir à totalidade não é prodigalizar-se e entregar-se igualmente a todos, mas assentar, com todo o seu peso, com todas as suas forças, no ponto privilegiado onde pesa e converge o esforço universal. — A lei essencial do desenvolvimento cósmico não é a fusão igualitária de todos os seres, mas a segregação pela qual uma elite desabrocha, amadurece, se isola. E, como espécie, esse fruto desejável que tudo elabora, em que tudo se resume e consuma, de que tudo usufrui e se orgulha, é a humanidade.

Pouco importa que aos olhos do historiador das origens o homem não apareça imediatamente como sendo digno de um destino tão elevado. Tanto pior se as vias do seu aparecimento são humildes e indirectas, a ponto de, mais do que um predestinado, parecer um simples arrivista, levado pela sorte até à etapa biológica em que muitos outros *phyla*, tão interessantes como o seu,

⁷ Se o Padre Teilhard chegou já, nessa época, à ideia de que o homem está encarregado de prosseguir consciente e voluntária- mente a marcha da evolução, sobre a natureza desse movimento não chegou ainda à concepção final da contração da noosfera.

Cf. *Le Phénomène humain. 4. " parte (vol. I das Œuvres).*

murcharam ou recuaram, antes da chegada! A importância cósmica de um ser não está forçosamente ligada à sua posição mais ou menos axial no feixe dos crescimentos naturais ⁸.

Apesar de tudo o que a ciência pode considerar acidental no nosso destino, de lateral na nossa situação entre o grupo dos seres vivos, representamos, para os outros homens, a parte do Mundo que foi bem sucedida, aquela onde reflui, em direcção à passagem finalmente aberta, toda a seiva e todos os cuidados da Evolução cognoscível.

Somos nós, sem qualquer dúvida, que constituímos a parte activa do Universo, o rebento onde a vida se concentra e trabalha, o botão onde se abriga a flor de todas as esperanças. É pois para a humanidade que, superando as repulsas pelos contactos com o vulgar, a promiscuidade do constrangimento das cidades, o fumo das fábricas, o iniciado, para permanecer fiel ao apelo cósmico, se deve voltar, com toda a sua alma, como para o Objecto, onde, mais que no seu próprio ser, se deve encontrar e amar.

Já, graças ao domínio que se esforçava por adquirir sobre a matéria, o homem de laboratório e de indústria concorria muito eficazmente, como vimos, para o prolongamento e êxito do devir cósmico, tal como o canaliza a Estirpe humana. Outros factores, absolutamente diferentes, muito mais directamente apropriados às exigências especiais dos novos desenvolvimentos devem, por seu turno, ser discernidos e utilizados: os de ordem social e de ordem moral.

Socialmente falando, a mônada humana apresenta-se à observação, exterior ou íntima, como uma espécie de molécula ou de célula, essencialmente destinada a integrar-se num edifício ou organismo superior. Não só o alimento de percepções e de assimilações materiais numerosas é indispensável à sua constituição, mas o complemento de outras mônadas semelhantes a ela é requerido para seu completo desenvolvimento. *Não pode ser absolutamente ela própria senão deixando de estar só.* Como as moléculas cuja aproximação faz revelar propriedades latentes, os humanos, pelo seu encontro, fecundam-se, realizam-se, e a associação necessária à multiplicação da sua raça mais não é que o esboço inferior e muito pobre dos desenvolvimentos que origina o comércio das suas almas. Como as células a que competem, nos corpos, lugares e funções particulares, as aptidões individuais, no meio da sociedade, se desenharam, se distribuem, se apoiam.

⁸ Os seus estudos paleontológicos posteriores levá-lo-ão pelo contrário à convicção do carácter axial do homem na árvore da Vida. Ver, por exemplo, o volume 3 das *Œuvres, Le Phénomène humain* (1930), p. 232.

Assim como é pueril exagerar as analogias orgânicas que apresentam os agrupamentos sociais, assim seria superficial não ver neles mais que o arbitrário e o contingente. *Sem atingir uma rede suficientemente apertada e unificada para que aí se possa instalar uma alma real da colecção*, as ligações humanas representam um trabalho «natural», essencial, cósmico, anel necessário na série dos aperfeiçoamentos do Universo. Concorrer para o seu estabelecimento representa muito mais que uma ocupação de superfície, de consentimento ou de luxo: é verdadeiramente contribuir com o seu esforço para obra fundamental em cuja perspectiva, desde a origem, se move o Universo, promover desenvolvimentos ulteriores da Vida.

Até onde se pode conjecturar, esses desenvolvimentos esperados são sobretudo de ordem intelectual e moral. Tem-se a impressão de que, *longamente absorvida pelo trabalho de construção dos organismos, a Vida só agora começa a cuidar de si interiormente*, a concentrar a sua atenção e os seus cuidados nos progressos e embelezamento da consciência, finalmente afinada. Muito mais que por transformações orgânicas, a *Evolução continua-se actualmente por aperfeiçoamentos de ordem psicológica*. É o mesmo esforço ontológico que se prolonga mas numa nova fase, numa nova plataforma. Que ligações físicas, directas, se entrelaçam, em profundidade, entre as almas, tornando-as todas solidárias dos progressos entitativos realizados por uma de elas? Em virtude de algumas reacções, entre o espírito e a matéria, os progressos da luz interior e da vontade recta refluem sobre todos os seres e todas as espécies para os completarem e aperfeiçoarem organicamente? Que *novo estado da existência* a cultura da alma e a harmonização das energias sociais chegarão a criar um dia? — Estas questões e as hipóteses que implicam, é quase absurdo exprimi-las. Assim como sucede com as tentativas que fazemos para atribuir uma figura às primeiras origens da Vida ou da humanidade, procurar dar um corpo preciso às aspirações relativas ao extremo florescimento da nossa raça bastaria para as ridicularizar. Mas nada provaria menos que se perdem nos seus pressentimentos.

De facto, são numerosos os devotos da *fé no progresso humano*. Podemos escarnecer da sua candura, opor-lhes o espectáculo desconcertante das lutas e das perversidades humanas. Obstinam-se na sua esperança. Aceitar que a humanidade anda à deriva e aborta, reconhecer que nenhuma Promessa nela vive, não seria renunciar a alcançar um absoluto no Universo, reconhecer que o Cosmos está vazio, que o seu apelo é um logro, a Vida impotente e enganadora? Não. Um tal engano é inconciliável com as mais profundas certezas do ser. Do esforço combinado da ciência, da moralidade, da associação, uma Super-humanidade se forma, cuja fisionomia, talvez acertadamente, se deve procurar do lado do Espírito.

Terceira etapa

A libertação do Espírito. — À medida que o Homem se eleva na consciência do seu valor pessoal e do preço dos agrupamentos sociais em que se integra, deixa de creditar à Matéria as suas complacências. No primeiro momento do seu despertar cósmico, não tinha olhos nem mãos senão para os tesouros imediatos e consistentes que se podem palpar com a Terra. Agora que a sua atenção é chamada para o ponto privilegiado no qual a sua ambição se concentra e onde uma misteriosa e laboriosa segregação (obra combinada da Natureza e do seu próprio engenho) o conduz, começa a desdenhar do primeiro objecto da sua paixão cósmica. A Matéria deixou de ser, para o seu espírito e o seu coração, a rainha de todas as promessas. Tende a não ver nada mais que um obstáculo, uma tara, uma casca para largar no caminho. E porquê? Porque ela é obscura, pesada, passiva, dolorosa, má — enquanto que o Progresso se dirige para a luz, a facilidade, a beatitude, a purificação do ser... O sentido e o interesse do Trabalho do Mundo consistem talvez em espiritualizar a Matéria, ou, se ela se mostra incapaz dessa transformação, eliminá-la. Eis a nova ideia que, pouco a pouco, se ilumina na alma nobre e fiel, a seduz, e acaba por a fascinar.

A apoiar uma esperança tão brilhante, certas considerações de ordem experimental são primeiramente invocadas, permitindo crer que a redução do Espírito à Matéria (e por conseguinte a passagem desta àquele, em sentido inverso) não é impossível, mas está antes em vias de contínua realização. Toda a actividade, pelo facto de funcionar, incrusta-se de mecanismos, que facilitam a execução dos actos ulteriores, mas simultaneamente reduzem e entorpecem a sua espontaneidade. A acção mais consciente muito rapidamente se impregna de hábito; o hábito passa do psiquismo para reflexos «adquiridos», e certos reflexos adquiridos, possivelmente, passam por sua vez a ter o destino das propriedades hereditárias que as gerações transmitem umas às outras. O instinto automático tão maravilhosamente cego e preciso, dos insectos, por exemplo, parece mais não ser que o resíduo de antigas espontaneidades, outrora exuberantes e variadas, mas, desde há séculos, canalizadas segundo as vias mais favoráveis e mais fáceis; nesse grupo de seres vivos, a «liberdade primitiva ficou de tal forma carregada de reflexos orgânicos que quase desapareceu, cedendo o lugar a um grupo de «tropismos». Tudo o que há de passivo e de «material» na Matéria, ou seja, as suas ligações, os seus determinismos, a sua inércia, a sua inconsciência, não seria o resultado de uma transformação secundária análoga, de uma «pseudomorfose» da omnespontaneidade primordial em submissões e em rotinas? É-se tentado a crê-lo, sobretudo se se observa que à materialização

pelo hábito se pode acrescentar, para a agravar, a materialização pela multidão.

Pois também isso é um facto de experiência quotidiana e íntima: simplesmente em virtude do grande número, uma inércia especial se desenvolve nas colectividades; aí nascem certas constâncias, certas leis, que podem dar a uma soma suficientemente grande de liberdades a aparência global de um sistema de determinismos. Nada mais custoso de agitar, longo de fazer evoluir, árduo de refrear, do que uma multidão. Sobre os indivíduos que agrupa, a pluralidade lança um véu inanimado; faz com que o seu conjunto adquira comportamentos da Matéria. Abaixo de nós, a fixidez e a regularidade das leis físicas não têm suporte mais bem assegurado que a própria multitude dos efeitos elementares que as nossas percepções sintetizam. E, acima de nós, sentimo-lo, as grandes colectividades, cujos átomos representamos (raça, pátria, etc.), bloqueiam-nos e subjugam-nos por correntes superiores, nascidas sem dúvida da confluência dos nossos movimentos e das nossas paixões, mas cujo domínio nos escapa porque emanam de um centro bastante mais vasto que nós.

Depósito lentamente acumulado nos tecidos da nossa alma, ou bloco cimentado pela coesão das nossas individualidades, a Matéria tende continuamente a enriquecer-se em nós, e a reformar-se por sobre as nossas cabeças. É a prova de que por um esforço contrário podemos fazê-la recuar, retomar terreno ao inconsciente e ao fatal, e (quem sabe?) tudo reanimar.

Para essa tentativa fantástica, os pensadores idealistas nos vêm encorajar. A Matéria, ensinam eles, em que uma filosofia grosseira pretendia encontrar o suporte e a base de tudo o que existe, não poderia subsistir por si própria. Pois mais não é que transiência e multiplicidade, enquanto que o ser, esse, é essencialmente imanência e unidade. A pedra angular do Universo, o centro de todas as ligações, sem o qual o mundo rui, se esboroa, se desvanece, é a mónada intelectual, a única que subsiste na sua perfeita simplicidade. Sem dúvida, a História mostra-nos uma marcha inversa: o menos consciente precedeu, no desenvolvimento fenomenal do tempo, o aparecimento do mais consciente... Mas essa ordem não representa mais que uma perspectiva subjectiva, um desenrolar, relativo à nossa posição particular, das condições ontológicas da nossa era: prolongamo-nos no passado em séries filéticas, como o contínuo se desagrega no espaço em átomos, como a liberdade se decompõe em determinismos ou a intuição em processos logísticos. Não nos deixemos arrastar por ilusões analíticas. A verdade sobre a constituição das coisas, ei-la: *Tudo o que existe tem por base o pensamento, não o Éter*. De direito, por consequência, a consciência deve poder reacender-se em toda a parte; pois, em toda a parte, adormecida ou anquilosada, é ela que subjaz.

E assim, vindo as decisões do pensamento filosófico acrescentar-se às insinuações da experiência, entrevemos cada vez mais, como possível, a *espiritualização do Universo*. Por um arrebatamento mental combinado com uma melhor organização das ligações entre mónadas, o indivíduo pode concorrer para refluir a consciência e a flexibilidade na multitude atômica e na multitude humana, na Matéria inorgânica e viva, e na Matéria social. Tal é a sua tarefa cósmica — conduzindo a Humanidade à libertação e à felicidade.

Quando reinar, por toda a parte, a harmonia final, suprimindo os choques e as discórdias, corrigindo as vertentes nefastas e os contactos interditos, levando ao fim de tudo a luz, então nem dor, nem maldade, nem trevas, desfigurarão o Cosmos regenerado. Tudo o que era encrostamento secundário, ligações falsas ou culpáveis, todo o mal físico e moral, toda a parte má do Mundo terá desaparecido; o resto terá reflorescido, o Espírito terá absorvido a Matéria.

4.º *A Paz que o Mundo dá.* — Chegado a esse ponto supremo da depuração das suas perspectivas e do engrandecimento dos seus desejos, o homem pára, e volta-se sobre si mesmo. Por cansaço da sua instabilidade e da sua pequenez, abandonou a sua morada para correr à procura do Elemento absoluto e adorável do Universo. Agora que achou um sentido para a sua Vida; agora que encontrou a Divindade a que o seu espírito obscuramente ansiava por se consagrar, rico de descobertas, entra no abrigo secreto do seu coração, e observa. — Estará finalmente renovado, esse coração envelhecido e desiludido? Estará completado e satisfeito, esse coração ávido? Estará acalmado, esse coração inquieto? Que alteração existirá no homem que abriu a sua vida interior às preocupações, à consciência do Cosmos?

Esse homem, em primeiro lugar, verifica que o nível do egoísmo baixou nele; não que já se não ame (o que seria absurdo) ou que se ame menos (o que seria nefasto) mas ama-se diferentemente e melhor. Depois de ter visto pulular as turbas e mover-se a corrente cósmica, as pequenas superioridades da sua pessoa deixaram de lhe parecer a questão capital do Universo, e de lhe interessar mais que tudo. Já não se julga só no mundo, agora, a desfrutá-lo e a engrandecê-lo. Uma legião de outros em seu redor têm o seu direito de ser bem sucedidos e felizes. Vê-os lutar a seu lado; e dominando infinitamente todos os empreendimentos privados, discerne a elaboração de uma grande obra que requer toda a sua boa vontade e o apaixonava. Transladou para fora de si (sem metáfora) o eixo da sua vida; está como que descentrado; já não é de certo modo ele próprio que preza em si, mas a grande Coisa de que é urna parcela constitutiva e um elemento activo, a Deusa imanente do Mundo que nele pousa, momentaneamente, o pé, para subir, graças ao seu apoio, um

pouco mais alto.

A preguiça e a indolência, a partir de então, abandonaram-no para dar lugar ao gosto ardente pela investigação e à inquietação sã e austera do progresso. *Grandis labor instat*. Não há tempo a perder nem ocasiões a desleixar. Por mais ínfima que seja, uma parte do sucesso final da Vida depende da minha diligência a esquadriñar o mundo e a aperfeiçoá-lo em mim. A consciência dessa tarefa agrilha-me, e simultaneamente consola-me da minha pequenez e da minha obscuridade.

Até então, a insignificância da minha vida e o desdém dos homens desconcertavam-me. Ser desconhecido ou mal conhecido parecia-me, ainda há pouco, uma decepção intolerável, cujo receio paralisava a minha acção. Agora que se manifestou ao meu espírito a verdadeira medida das coisas, estou libertado. Para quê inquietar-me de saber, antes de agir, se o meu esforço será entendido ou apreciado? Para quê alimentar o meu gosto pela acção com a esperança vã da ostentação e da popularidade? A única recompensa que ambiciono, de ora avante, para o meu trabalho, é pensar que ele é utilizado para o progresso essencial e duradouro do Universo. Ora, se tenho fé na Vida, creio que o Mundo regista tudo o que nele se faz de bem e de útil; qualquer movimento, qualquer impulso, capazes de se quadrar com o seu Devir excelente, distingue-os e assimila-os. A minha vida pode ser ignorada, monótona, banal, fastidiosa, perdida aos olhos de todos... cumprirei os seus deveres com a consciência de colaborar eficazmente na evolução absoluta do Ser. Átomo deveras humilde, desempenharei a função imperceptível com o coração do tamanho do Universo.

E perante o próprio sofrimento, encontrarei, na minha visão do Cosmos, uma razão para permanecer impassível...

Inexplicável e odiosa se se observa isoladamente, a dor ganha com efeito uma figura e um sorriso desde que se lhe conceda o seu lugar e o seu papel cósmico. É ela que, incitando os seres a reagir contra as condições desfavoráveis ao seu desenvolvimento, os força a abandonar os maus caminhos, os aguilhoa no sentido de um trabalho fecundo, os leva a harmonizarem-se e a conformarem-se uns aos outros, de forma a evitar choques que firam, e usurpações que diminuam. É ela ainda que, afastando o homem das delícias inferiores, o constrange a procurar a alegria em considerações e objectos «não minados pela ferrugem ou pelos vermes», faz refluir a sua alma para a região superior do ser, mantém a pressão vital em contínuo trabalho contra os limites actuais do seu desenvolvimento. É ela, finalmente, que castiga e faz expiar, automaticamente, as infracções às regras da Vida. O sofrimento excita, espiritualiza, purifica. Inversa e complementar do apetite de felicidade, é o próprio sangue da Evolução. Como, por ela, o Cosmos desperta em nós,

vê-la-ei chegar sem perturbação e sem receio.

É esta a paz que o Mundo dá. A responsabilidade e a alegria de um grande interesse palpável a promover transfiguraram a minha vida.

5.º *O lamento da alma.* — Ora, eis que no próprio momento em que me orgulhava de ter finalmente encontrado uma base inquebrantável de impassibilidade, um fim último pelo qual todas as minhas aspirações inquietas seriam acalmadas e polarizadas, ouvi um longo lamento que se elevava em mim, o lamento da minha alma sacrificada, que chorava as esperanças que em si depositara e que, já não existem.

Na religião da Evolução divina, a pessoa nada conta. Turbilhão fugitivo logo desvanecido na corrente total, burla a princípio cuidadosamente afiado, mas abandonado mal se tornou rombo, o indivíduo não tem importância e futuro senão relativamente ao progresso geral. Não se pode considerar como um valor efêmero; e o amor que esconde para seu uso e felicidade pessoais é uma espécie de dissipação da Energia principal. Para encontrar o Absoluto sobre a terra, a alma teve de renunciar a quanto representava a honra e a gratificação da sua vida. E tal caminho é tão duro que, na prática, chegada a hora de suportar o peso de um sacrifício real, ninguém o seguiria.

Nada subsistiria portanto, ou quase nada, desse tempo precioso que eu teria, durante uma vida, amorosamente, construído e engrinaldado em mim! De toda a minha solicitude para me aperfeiçoar, me afinar, me embelezar, de toda a pureza e delicadeza maravilhosas que me seduzem e me encantam naqueles que amo, nada permaneceria para mim, nada seria salvo para eles! Perdido na massa obscura da nossa geração, vaga lançada por sua vez, após tantas outras, ao assalto da sobre-humanidade, deveríamos sucumbir sem outra consolação além da de termos caído para os outros, sem nada termos visto do sucesso, sem estarmos sequer seguros de que um processo se prepara infalivelmente! Será possível, verdadeiramente, ser de tal forma calcado o que há de mais vibrante e de mais delicado no mundo, o coração humano?...

Ainda se *todo* o meu esforço fosse recolhido, todo o meu sofrimento compreendido ou fecundo, todos os aperfeiçoamentos nascidos do meu trabalho fixados e transmitidos, poderia talvez consolar-me. Nesse rasto duradouro da minha passagem, onde seria inscrito e eternizado todo o valor útil da minha vida, sobreviver-me-ia no melhor de mim... Infelizmente, diga-se o que se disser, bem pouco daquilo que pensa, sabe, quer e vale um homem chega a exteriorizar-se, e ainda muito menos dessa boa semente cai em boa terra. Há desprezos, há descrédito, há falhados. Muitos esforços são perdidos, muitos sofrimentos resultam absolutamente estéreis. Se não contar senão com o Cosmos para salvar o meu tesouro, a minha desilusão será

profunda: pois imenso é o seu desperdício e ínfimo o seu rendimento...

Que é, de resto, a parte exteriorizável de mim mesmo? Nem o perfume, nem as cores são a flor; e é a flor, bem o sinto, que é preciosa em mim. Pouco a pouco, vi-a desabrochar no fundo de mim mesmo, essa flor misteriosa da minha personalidade incomunicável, amei-a apaixonadamente, pelos cuidados que tinha a protegê-la e embelezá-la — e mais ainda, por quanto nela adivinhava de maior que eu e de anterior a mim. Ora, é ela, essa mónada tão amada que vejo condenada a desintegrar-se, a perder as inefáveis e encantadoras determinações da sua individualidade, a desaparecer, quase sem resíduo, imolada até ao aniquilamento, a uma Divindade hipotética e sem rosto.

Oh, se eu pudesse certificar-me de que um pouco do Absoluto que circula momentaneamente no meu ser, aí é retido, aí se-fixa, e me reserva para a vida eterna!... Profetas do panteísmo ergueram-se para me prometer, em nome de uma extraordinária metempsicose, a persistência da minha alma através das combinações do Universo... Mas não me falaram senão da persistência, da sobrevivência, de uma mónada que se ignora na transição de uma a outra das suas fases. Ora, é o fio da minha pessoa consciente, da minha memória enriquecida, do meu pensamento iluminado, que quero ver prolónger-se, intacto, sempre...

Que desça portanto do céu, se se não ouve na terra, a palavra que, sintetizando os arrebatamentos da alma e as exigências do Cosmos, nos revelará por que misteriosa organização dos extremos as aspirações individuais se podem consumir na realização do Todo!